



CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE CANTANHEDE

GARLOS MANUEL SIMÕES CRUZ

O inventário apresentado constitui a mais recente sistematização de todos os dados arqueológicos conhecidos no concelho de Cantanhede. Das duas centenas de sítios que o integram, grande parte resultou, quer dos trabalhos de prospecção levados a cabo nos últimos três anos, pelo signatário deste trabalho, quer no âmbito de projectos de investigação, alguns deles ainda em curso¹.

Se bem que os dados deste inventário não sejam todos portadores do mesmo valor arqueológico, devido à descontextualização de muitos deles, outros há, que permitem a sua classificação cronológico-cultural. Foi, essencialmente, com base nestes últimos que se ensaiaram duas tentativas de síntese, ainda que provisórias e muito genéricas, sobre o povoamento do território de Cantanhede, desde a Pré-História à Alta Idade Média.

O texto sobre os períodos mais recuados foi efectuado por Ana M. S. Bettencourt, a nosso convite, dado ter sido a consultora do projecto para a Pré-História e a Proto-História, tendo o da Romanização e da Idade Média sido realizado pelo signatário desta obra.

5.1. O POVOAMENTO PRÉ-HISTÓRICO E PROTO-HISTÓRICO DA REGIÃO DE CANTANHEDE

Ana M. S. Bettencourt²

Enumerados os dados conhecidos para a Pré-História e para a Proto-História de Cantanhede verificamos, de imediato, que não sendo escassos, são, frequentemente, de difícil precisão cronológico-cultural quer, pela falta de colecções de referência, quer, por vezes, pela exiguidade da amostragem de superfície. Se para a Pré-História Antiga têm ocorrido escavações científicas, no âmbito de projectos de investigação devidamente autorizados pela tutela, para os períodos mais recentes há apenas a registar a exploração de uma estrutura megalítica, com metodologias do séc. XIX. Estamos, assim, perante um acervo informativo desigual e relativo pelo que as considerações efectuadas deverão encarar-se como hipotéticas, provisó-

rias e meramente divulgativas do vasto e riquíssimo acervo de vestígios da Pré-História e da Proto-História do concelho de Cantanhede.

Apesar da ocupação do **Paleolítico Inferior** não estar inteiramente comprovada, nesta região, é provável que as comunidades humanas a tenham ocupado desde muito cedo. Tal não seria surpreendente tendo em conta os vestígios animais aqui existentes, desde, pelo menos o Plistocénico médio, período em que se integra o molar de um elefante de tipo Straight-Tusked Elephant – *Palaeoloxodon antiquus* ou da forma africana *Loxodonta Africana Blumenb*, detectado na Carreira das Vacas, em Portunhos. É nesta perspectiva que o espólio encontrado na jazida das Lagoas Dianteiras, em Febres, aconselha novas pesquisas neste sentido.

Por outro lado, a ocupação humana do território de Cantanhede remonta, seguramente, ao **Paleolítico Médio**, momento em que o Homem de Neandertal foi responsável pelos inúmeros e importantes vestígios de debitage e pelos artefactos, em sílex, encontrados nas diversas estações de ar livre do Vale da Porta (Portunhos). Achados deste período em sílex e em quartzito, ocorrem, igualmente, na Lagoa de Outil (Outil), em Arrôtas (Cordinhã), em Mazagão (Cadima) e em Chão 1 (Cantanhede). A distribuição das estações deste período denota-se na parte mais oriental do concelho, onde são frequentes depósitos de praias antigas e de terraços fluviais, assim como calcários de Ançã, ricos em nódulos de sílex.

Ao início, da fase subsequente, ou seja, ao **Paleolítico Superior**, já da responsabilidade de populações anatomicamente modernas, pode atribuir-se a estação de ar livre da Gândara de Outil 1 (Outil), onde H. Moura *et alii* (2000) identificaram um tecno-complexo Aurignacense, raro no ocidente peninsular. A existência de jazidas do Paleolítico Médio e dos inícios do Paleolítico Superior na mesma área, aumentam, de forma significativa, a importância científica desta região pois poderão permitir importantes contributos para a problemática da passagem do Paleolítico Médio para o Paleolítico Superior, na fachada mais ocidental da Península Ibérica.

A par de muitas estações do Paleolítico Superior encontradas, principalmente, nas áreas correspondentes às freguesias de Outil e Portunhos e de classificação difícil, há a registar a presença de um tecno-complexo Gravettense, na Lagoa de Outil 3 (MOURA *et alii*, 2000). Aliás, esta área é abrangida pelo projecto de investigação *Paleoecologia da Caça-Recolocção no Baixo Mondego*, da responsabilidade de Miguel Almeida, Maria João Neves, Helena Moura, Thierry Aubry, entre outros, no âmbito do qual a publicação exaustiva dos resultados de prospecção e de escavação, trarão, sem dúvida, importantes novidades para o conhecimento da Pré História Antiga do baixo Mondego e do baixo Vouga.

Ao **Epipaleolítico/Mesolítico**, momento da transição do Plistocénico Superior para o Holocénico, entre 10 000 e 5500 a.C³, há igualmente vestígios da presença humana em Cantanhede. Referimo-nos às estações de ar livre da Lagoa de Outil 1, Lavadeiras 2 e Mato Pinheiro, todas em Outil, assim como do Vale da Porta 2 e 7, em Portunhos, estações também identificadas e em estudo no quadro do projecto referido.

Durante o **Neolítico** (meados do VI a meados do IV milénios a. C.), período da emergência de uma economia de "amplo espectro" baseada na combinação da caça, da recolocção, da pesca, da pastorícia e de uma agricultura ainda incipiente, as comunidades humanas ocuparam os vales aluvionares e os pequenos cabeços das freguesias de Cadima, Outil e Ourentã. Como povoados destacamos duas estações: a de Mazagão (Cadima) e a do Pinhal do Frade (Ourentã), onde também ocorrem ocupações mais recentes. Na primeira, apareceram bordos verticais e reentrantes providos de pegas mamilares, imediatamente sob o bordo, com paralelos nas cerâmicas do Neolítico Antigo da Junqueira e do Pinhal do Reverendo Mar-

gato (Figueira da Foz)⁴. Na segunda, exumou-se um bordo reentrante com asa decorada com dois mamilos e decoração impressa no início da pança, forma que encontra paralelo no espólio neolítico de Eira Pedrinha (Condeixa-a-Nova) e do Forno da Cal (Soure)⁵. É, também, comum em estações do Neolítico Antigo do sul e centro de Portugal como, por exemplo, na Lapa do Fumo (Sesimbra). Em fase desconhecida desta grande etapa cronológico-cultural as comunidades construíram diversas antas ou dólmen, em calcário, monumentos funerários sob *tumulus* que representam a primeira forma de arquitectura monumental no espaço. Estes monumentos megalíticos, nas suas mais variadas expressões, permitem uma multiplicidade de leituras. Além de locais de enterramento e de culto dos mortos, eles seriam, também, os novos ordenadores, marcadores e domesticadores do espaço, a denotar alterações significativas na forma de apropriação da paisagem, em relação aos períodos anteriores.

Hoje, apenas conhecemos o Marco da Mamoia, em Cadima, mas os topónimos Cova das Mamoas, mamoas, mamoinha e mamoia do Casal, existentes nas proximidades deste monumento, atestam a presença de uma necrópole no local. O mesmo podemos dizer das Moitas 1, em Outil, onde um importante dólmen de corredor ou uma galeria foi escavado no séc. XIX, em área de necrópole (ROCHA 1904). Também a referência a uma *mamolam*, na *via de Cantoniedi*, citada num documento do séc. XII, do Livro Preto da Sé (COSTA *et alii* 1978-1979: 218) comprova a existência de mais monumentos megalíticos nestas paragens.

Para o **Calcolítico**, genericamente datável entre os finais do IV e parte da segunda metade do III milénios AC, os dados são mais abundantes, nomeadamente no que se refere à existência de povoados. Estes indiciam um povoamento pouco destacado na paisagem, em espaços abertos, na bordadura e nas vertentes de planaltos em conexão com pequenos vales. Referimo-nos, particularmente, aos povoados de Chão 1 (Cantanhede), Chãs 1, 2 e 3 (Sepins), Pardieiros (Portunhos), Pedrulhais (Sepins), Pinhal Novo (Portunhos) e Tojal (Sepins), entre muitos outros. Nestes, são frequentes recipientes cerâmicos de diversas formas, parcialmente decorados com incisões, impressões e aplicações. Ocorrem, ainda, raros fragmentos de cerâmica penteada e incisa metopada de tipo Penha. Existem, igualmente, indicadores de intensa actividade de talhe em diferentes tipos de sílex e de quartzito. Referimo-nos, nomeadamente, à presença de núcleos de lâminas e de lamelas, de dejectos de talhe, de percutores e de martelos. Os artefactos de pedra lascada documentam-se pela presença de uma alabarda, várias pontas de seta, lâminas retocadas e raspadeiras sobre lâminas. A par desta actividade são frequentes artefactos em pedra polida, nomeadamente, machados, martelos e moínhos moventes e dormentes, frequentemente efectuados em rochas não existentes na região, como o granito e o anfíbolite, muito embora este último possa ocorrer nos aluviões do Mondego. A tecelagem poderá documentar-se pela presença de dois pesos de tear, em cerâmica, encontrados nos Pedrulhais.

Há, igualmente, a considerar a prática de uma agricultura que se pode presumir, indirectamente, pela existência de moínhos, dormentes e moventes, e pela localização destes povoados nas imediações de bons vales agrícolas.

Os materiais detectados nestas estações indiciam, também, contactos com o norte e o sul da Península. Trata-se de uma região geoestratégica cuja riqueza em sílex, inexistente no norte, poderá justificar os contactos com populações mais setentrionais e interiores. Tal parece evidenciar-se pela presença de cerâmicas com decorações penteadas e incisivas metopadas de tipo Penha, muito comuns no nordeste transmontano, norte da Beira Alta e no Entre Douro e Minho, respectivamente. Também a presença de artefactos em granito e em cobre revelam contactos supra-regionais, pois estas matérias-primas são inexistentes na região. Os contactos com o sul evidenciam-se bem pelo paralelismo entre o alfinete de ouro de Pedrulhais

(Sepins) e o encontrado na Penha Verde (Sintra) (ARMBRUSTER & PARREIRA 1993).

A caracterização da **Proto-História**, período compreendido, *grosso modo*, entre os finais do III e os finais do I milénios AC, e que abarca a Idade do Bronze e a do Ferro, é difícil, pelas razões apontadas no início desta síntese.

Talvez à Idade do Bronze se possam inserir os povoados das Bouças (Ourentã) e de Poupas (Bolho) onde aparecem cerâmicas manuais, arenosas, de cozeduras essencialmente reductoras, formas de dimensões consideráveis e bases de fundo plano. Também na freguesia do Bolho há a registar a descoberta de um colar de ouro, datável do Bronze Final.

À Idade do Ferro atribuímos os povoados dos Brejos (Ourentã), Chãs 2 e Chãs 3 (Sepins), Carvalheiras (Pocariça), Espicha (Sepins), Malhadas 4 (Portunhos), Mato Pinheiro (Outil), Tapadas 1 e 2 (Portunhos) e Sebadal 1 e 2 (Portunhos), tendo em conta a ocorrência de cerâmicas manuais a par de outras, a torno, assim como de formas e características técnicas similares à louça de filiação mediterrânica do povoado de Santa Olaia (Figueira da Foz).

A distribuição destes povoados, no espaço, indicia um povoamento discreto. Com excepção dos do Sebadal 1 e 2, Malhadas e Chãs 2 e 3, em situações de topo e com boas condições de visibilidade para as valas ou rios que dominam, os restantes localizam-se em plataformas pouco proeminentes na paisagem ou em vertentes médias e baixas, pelo que poderão tratar-se de pequenos povoados agrícolas, construídos com estruturas percíveis. Tal infere-se pela ausência de pedra encontrada nestas estações arqueológicas, pelo aparecimento de argila de revestimento na Espicha e até, pelo paralelo com as ocupações deste período de Chões e Fonte de Cabanas, no vizinho concelho da Figueira da Foz (PEREIRA 1994). De destacar, em prol das actividades agrícolas, a presença de moinhos na Espicha e nas Tapadas.

Durante este período é notória a continuação da utilização do sílex, a par de outras rochas da região, para o fabrico de artefactos em pedra lascada. Tal depende-se pela existência de núcleos, de lascas de debitage, de lâminas e lamelas, assim como de artefactos.

Este conjunto de características faz supor uma grande continuidade de ocupação durante grande parte da Proto-História da região, hipótese que deve ser confirmada por trabalhos futuros.

1. Referimo-nos, nomeadamente ao projecto da responsabilidade de Miguel Almeida, Maria João Neves, Helena Moura, Thierry Aubry, entre outros, denominado *Paleoecologia da Caça-Recoleção no Baixo Mondego*.

2. Prof. Auxiliar da Universidade do Minho. Email: anabett@uaum.uminho.pt

3. Todas as cronologias aqui adoptadas são gerais, pois não existe um quadro cronológico-cultural de referência para esta zona do litoral centro do território português.

4. e 5. Publicadas por R. Vilaça (1988).